

Revista virtual Regina Milites

“COMO ECÉRCITO EM ORDEM DE BATALHA”



In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt; et sine ipso factum est nihil, quod factum est. In ipso vita erat, et vita erat lux hominum; et lux in tenebris lucet, et tenebræ eam non comprehenderunt. Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Ioannes. Hic venit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine, ut omnes crederent per illum. Non erat ille lux, sed ut testimonium perhiberet de lumine. Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum. In mundo erat, et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit. In propria venit, et sui eum non receperunt. Quotquot autem receperunt eum, dedit eis potestatem filios Dei fieri, his qui credunt in nomine eius: qui non ex sanguinibus, neque ex voluntate carnis, neque ex voluntate viri, sed ex Deo nati sunt. Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis; et vidimus gloriam eius, gloriam quasi unigeniti a Patre, plenum gratiæ et veritatis. Ioannes testimonium perhibet de ipso, et clamat dicens: Hic erat quem dixi: Qui post me venturus est, ante me factus est: quia prior me erat. Et de plenitudine eius nos omnes accepimus, et gratiam pro gratia. Quia lex per Moysen data est, gratia et veritas per Iesum Christum facta est. Deum nemo vidit umquam: unigenitus Filius, qui est in sinu Patris, ipse enarravit.



Revista
Regina Milites
Janeiro de 2025

estudosnacionais.com/reginamilites

INSTITUTO ESTUDOS NACIONAIS
estudosnacionais.com

Edição
Cristian Derosa
Conselho editorial
Equipe Regina Milites

ESTUDOS NACIONAIS
PUBLICAÇÕES
2025

SUMÁRIO

Editorial.....	4
As raízes espirituais dos erros da Rússia.....	8
“Símbolo é matriz de intelecções”.....	60
A saturação revolucionária e a docilidade dos conservadores.....	73
Notas sobre São Francisco de Sales e um Importante Remédio.....	82
O erro do “terreno comum” e suas consequências.....	100
O aprendizado segundo Hugo de São Vitor.....	114

Editorial

Esta quarta edição da revista Regina Milites aborda questões fundamentais para a compreensão do embate espiritual, cultural e político do mundo contemporâneo. Em um tempo marcado pela saturação ideológica e pela permanente reconfiguração das forças que disputam a alma da civilização cristã, nossa revista se propõe a lançar luz sobre as raízes mais profundas dessas transformações e seus

desdobramentos para os católicos zelosos com a Igreja e com a própria alma.

O primeiro texto aborda as intrincadas e polêmicas raízes espirituais presentes nos erros da Rússia, desvendando o pano de fundo místico e ideológico que forjou tanto as revoluções totalitárias quanto a atual utopia transumanista que vem se perpetuando, seja pela linguagem esquerdista ou neofascista. Aprofundando essa discussão, a questão simbólica envolvendo filosofia e teologia, há a exploração de um tópico intrigante sobre como o símbolo age como “matriz de intelecções” e contraponto ao processo de fragmentação operado pelo diábolo em contraposição ao símbolo.

No campo da ação política e cultural, refletimos sobre a saturação revolucionária e a docilidade dos conservadores clássicos frente à linguagem da Revolução, destacando como as estratégias malignas alternam radicalização e recuos táticos para garantir sua permanência na sociedade e na história. O erro das estratégias chamadas de “terreno comum”, tantas vezes condenado pela Igreja, é analisado em sua aplicação concreta, evidenciando as consequências desastrosas da adesão a compromissos ilusórios que minam a Verdade.

A tradição e a formação intelectual são pilares essenciais da resistência contra a dissolução cultural e espiritual, sendo esta a razão principal de buscarmos resgatar o pensamento de importantes nomes como Hugo de São Vitor, cujo ensinamento sobre o aprendizado e

a meditação permanece como um guia valioso para aqueles que desejam fortalecer suas almas e mentes na busca pela sabedoria e pela ordem divina.

Cada artigo desta edição visa não apenas informar, mas despertar e fortalecer aqueles que, em meio às trevas do presente, ainda mantêm acesa a chama da Fé e da Verdade que é a Santa Igreja Católica. Que a leitura desta revista seja um auxílio para a formação de uma geração disposta a combater com inteligência e fervor os desafios que se apresentam.

AS RAÍZES ESPIRITUAIS DOS ERROS DA RÚSSIA¹

*Populismo, nacionalismo e espiritualismos libertários que
deram origem a ameaças políticas totalitárias, assim
como à utopia transumanista.*

Cristian Derosa

Por volta das décadas de 1870 e 1880, eclodiu na Rússia um movimento ideológico considerado o primeiro a se levantar contra o czarismo, ainda que de maneira um tanto cômica. Eram os Narodnicks, também chamados de “populistas”, cujo principal

¹ Capítulo do livro O Sol Negro da Rússia: raízes ocultistas do eurasianismo (2024)

expoente foi o escritor Alexander Herzen. O movimento era formado por membros da elite russa que idealizavam o campesinato a partir de um novo conceito de “narod” (povo). Eles defendiam um tipo de socialismo agrário e acreditavam que não era necessária a industrialização para aguardar o surgimento de uma classe proletária. Suas ações, porém, foram desastrosas, mas não deixam de oferecer importantes analogias com os movimentos russos atuais e a própria estrutura das utopias revolucionárias.

O movimento dos populistas surgiu no contexto da emancipação dos servos, em 1861, sob o reinado de Alexander II. A sua reforma, aludida em obras de diversos romancistas russos, decretou o fim do feudalismo russo, dando origem ao que os populistas denunciavam como venda de servos como escravos assalariados. A burguesia havia, assim, substituindo os antigos proprietários de terra, fenômeno que desencadeou a revolta

populista. Não havendo uma classe trabalhadora efetivamente, na Rússia, os narodniks optaram por uma revolução agrária. Eles acreditavam, portanto, que era possível saltar a fase capitalista da revolução, criando assim uma espécie de comuna rural.

Eles viam o meio agrário do país como uma Rússia que não tinha sido contaminada pela influência ocidental. Alexander Herzen escreveu que o narod era “a Rússia oficial, a verdadeira Rússia.” O conceito de narod guarda semelhanças com o de volk, na Alemanha, e representa uma tentativa de estabelecer uma nova identidade nacional na Rússia que fosse ao mesmo tempo nacionalista e liberal.

No entanto, da mesma forma como Marx idolatrou os proletários não sendo um deles, os narodnicks acreditavam na superioridade dos camponeses, embora fossem membros da elite, o que significa que criaram uma visão própria e idealizada de povo. Na verdade, eles nem mesmo falavam o mesmo

idioma dos camponeses. A elite russa da época falava apenas alemão e francês, enquanto os camponeses falavam o russo. Esses primeiros socialistas, então, tiveram que aprender o russo e utilizaram roupas campesinas para ir até as aldeias convencer os trabalhadores rurais sobre a metafísica da revolta. Seu esforço foi em vão e alguns deles acabaram apedrejados e até queimados em fogueiras como bruxos, tamanho o estranhamento que suas ideias causaram. Fiódor Dostoiévski disse que “nenhum de nós gosta dos narod como eles realmente são, mas apenas como cada um de nós os imaginou”.

Alexander Herzen é considerado um dos pioneiros da propaganda revolucionária na Rússia, mas o seu método, que ambicionava convencer camponeses analfabetos, se constituía na distribuição de panfletos com textos. Os imensos equívocos, porém, eram alimentados pela convicção de suas ideias. Eles se baseiam no “princípio

antropológico”, de Nikolay Chernyshevsky, que sustentava que todos os humanos, independentemente da classe, têm muitas semelhanças intrínsecas. Os intelectuais russos viam nos camponeses uma versão purificada de si mesmos que poderia ser radicalizada, o que não ocorreu.

A desilusão com a realidade provocou naqueles primeiros socialistas certa revolta. Junto do sentimento de frustração, a violenta repressão do czarismo contra os populistas os empurrou para a radicalização, levando a se integrarem nos movimentos que conduziram à revolução. Mais tarde, para resolver o imenso abismo percebido entre o camponês e o intelectual, alguns artistas e escritores russos passaram a sistematizar as crenças pagãs, mesclando-as às modas orientalistas e ocultistas como a teosofia, misturando crenças pagãs com cristãs, modernas com tradicionais.

Vladimir Solovyov, um místico e profeta

Vladimir Solovyov (1853-1900), também citado por Putin em um de seus colóquios a membros do governo, foi um filósofo, poeta e místico russo que se interessou profundamente por questões espirituais e ocultistas ao longo de sua vida. Ele acreditava que a filosofia deveria abordar não apenas a razão, mas também a intuição, a imaginação e a experiência mística. Solovyov era particularmente interessado no estudo da teosofia e do ocultismo, e acreditava que essas áreas ofereciam uma compreensão mais profunda da natureza da realidade do que a ciência ou a filosofia convencional. Ele escreveu extensivamente sobre temas espirituais e ocultistas, incluindo a natureza da alma humana, a existência de seres espirituais e a busca pela união com o divino.

Um dos aspectos mais notáveis da visão de Solovyov era sua crença em uma unidade fundamental na realidade, que ele chamou de "Unidade-Todo". Essa unidade incluía não apenas o mundo material, mas também o mundo espiritual, e Solovyov acreditava que era possível alcançar a união com essa Unidade-Todo por meio da experiência mística.

Além disso, Solovyov era fascinado pela figura do Anticristo, que ele via como uma encarnação da negação da unidade e do amor, e que representava a tentação de se afastar da espiritualidade e da verdade em direção à matéria e ao egoísmo.

Embora Solovyov tenha sido muito influente na filosofia russa, suas ideias ocultistas e místicas foram muitas vezes criticadas e até ridicularizadas por outros filósofos contemporâneos. No entanto, sua influência continuou a se espalhar no século XX, e muitos estudiosos e praticantes de espiritualidade continuam a se interessar por suas ideias e escritos

sobre temas ocultistas e místicos. Vladimir Solovyov acreditava que a Rússia tinha uma missão profética especial na história mundial, e que seu papel era ajudar a unir a humanidade em uma única comunidade espiritual.

Segundo Solovyov, a Rússia possuía uma "alma" única, que combinava elementos orientais e ocidentais, e que lhe permitia servir como uma ponte entre essas duas culturas. Ele argumentava que a Rússia tinha a capacidade de unir as diferentes tradições espirituais do mundo em uma única síntese, que ele chamava de "Sobornost".

Solovyov acreditava que a Rússia tinha um destino especial como uma "terceira Roma", após a queda de Roma e Constantinopla. Ele argumentava que a Rússia era o herdeiro espiritual dessas duas grandes cidades e que, como tal, tinha a responsabilidade de proteger e promover os valores cristãos em todo o mundo.

Solovyov acreditava que a Rússia tinha uma missão profética ainda maior: a de ajudar a unir a humanidade em uma única comunidade espiritual baseada em valores cristãos. Ele via isso como parte de um processo de evolução espiritual da humanidade, em que a Rússia teria um papel fundamental na transição para uma nova era de paz e harmonia mundial.

Embora algumas de suas ideias tenham sido criticadas como nacionalistas ou messiânicas, a visão de Solovyov sobre a missão profética da Rússia teve uma influência significativa no pensamento russo e em seu desenvolvimento cultural e religioso.

Ocultismo pré-revolucionário

A Revolução Russa de 1917, embora represente o ateísmo e materialismo histórico do sistema

marxista, foi o resultado de uma ebulição do ocultismo e seitas espiritualistas, nas quais revolucionários faziam reuniões fechadas para o estudo e prática de rituais mágicos.

Por volta de 1880, as últimas décadas antes das revoluções que marcariam a história da Rússia, o ocultismo teve um impacto ainda maior que todo o século XIX, precedido pelo clima de confusão provocado por um crescimento das cidades, consequência da industrialização. O clima de positivismo, ateísmo e um retrocesso na espiritualidade dos líderes e da elite russa causou um certo impacto desestabilizador, de acordo com Rosenthal. Somado a isso, a agitação política superficializa a vida social, levando a sociedade russa a um clima de confusão pessoal e espiritual, fruto combinado de uma desintegração social causada pela ação revolucionária cada vez mais subversiva. O choque da sociedade agrária russa com as ideias do racionalismo e materialismo

ocidentais, trazidos pelas classes intelectuais importadas e a ação da maçonaria, acabou por abrir todas as portas ao ocultismo.

Repentinamente, novas ideias ocultistas passaram a atrair ainda mais adeptos ligados às elites intelectual e artística. Entre essas ideias, destaca-se o espiritismo, trazido por Alexandre Aksakof, através da revista Rebus, dedicada a fenômenos psíquicos e espirituais, em 1891. Tal foi a sua influência e o número de adeptos das doutrinas espíritas, que a Rússia chegou a criar um comitê de investigação, chefiado pelo famoso químico Mendeleev, sobre os tais fenômenos. Suas experiências, feitas a partir de médiuns trazidos da Inglaterra e da França, porém, foram consideradas inconclusivas e o comitê foi fechado e Aksakof publicou contestações ao resultado do comitê, passando a fazer discussões e debates sobre o tema pela Europa. No entanto, o episódio serve para se ter uma ideia da abertura do próprio governo russo para determinados assuntos.

Em anos seguintes, os experimentos espíritas em telepatia mental e parapsicologia despertaram o interesse dos primeiros psicólogos russos, tendo sido especialmente investigados mais tarde, durante o período soviético.

A revista Rebus foi um importante difusor dessas ideias, que não se restringiam ao espiritismo. Ela tratava ainda de astrologia, leitura de mãos, maçonaria mística, vegetarianismo, medicina homeopática, teosofia e hipnose. Organizava sessões espíritas fechadas só para membros. Soloviev e Briusov, poetas simbolistas, se interessaram profundamente pelo fenômeno.

No entanto, foi na chamada crise espiritual do fim do século que o ocultismo experimentou grande diversidade e o apoio mais contundente da elite intelectual russa, como nos interesses pela Cabala Judaica, principalmente por parte de Soloviev, assim como religiões misteriosas da antiguidade pagã, ioga, budismo, todos em uma consonância

com novas interpretações sobre a ortodoxia cristã da Rússia.

Esses intelectuais russos visitavam Paris para aprender novos conceitos e práticas ocultistas. Um deles foi o poeta e escritor, Merezhkovsky, que popularizou o simbolismo francês e fez uma leitura esotérica da obra de Nietzsche. A partir disso, profetizou que uma nova era de consciência espiritual aristocrática surgiria a partir do século que se iniciava. Na verdade, Merezhkovsky acreditava que a Segunda Vinda de Cristo era iminente através de uma “revolução religiosa”, que iria estabelecer o Reino de Deus na Terra. Ele e seu círculo eram chamados de “buscadores de Deus” e idealizavam a Atenas clássica e a Europa Ocidental Medieval como sociedades orgânicas, nas quais o artista e o povo estavam unidos. Como pano de fundo, estava o ódio às novas forças políticas que estavam transformando a Rússia através da

destruição das velhas elites das quais alguns deles eram membros.

A Teosofia de Helena Blavatsky, embora proibida pelo regime czarista, era profundamente atraente para a classe intelectual russa.

Segundo Rosenthal, a teosofia

Fornecia uma visão de mundo estruturada que também podia acomodar outras formas de misticismo, enquanto sua reivindicação de ser uma religião mundial significava que não havia necessidade de renunciar ao Cristianismo (O termo teosofia já era usado muitos séculos antes de Blavatsky e Olcott reivindicá-lo na Sociedade Teosófica e tinha um sentido mais geral, semelhante ao que chamamos hoje de ocultismo.)

Na verdade, pretendia-se utilizar a teosofia como forma de revitalizar a ortodoxia russa. O místico armênio George Gurdjieff, nascido no Império Russo, é considerado o responsável pela união da teosofia com o sufismo na obscura Irmandade Sarmoung (a palavra significa “aquele que preserva a doutrina de Zoroastro”). Além dele, há também o trabalho de Nikolai Roerikh, importante artista, poeta espiritualista, na síntese criativa entre o pensamento esotérico europeu e o asiático chamado “Azni-Yoga”. Segundo Rosenthal, o trabalho desses intelectuais teve maior impacto no Ocidente após eles migrarem fugidos da Revolução Bolchevique, mas ambos experimentaram nos últimos anos um crescente interesse em seu país de origem. Roerikh se tornou um artista e místico renomado em todo o mundo, pode ter sido um dos primeiros a afirmar que Jesus Cristo foi o primeiro comunista e acreditava na necessidade de criar uma

religião marxista para toda a humanidade. Saído da Rússia após a revolução, viajou o mundo. Sua esposa é responsável pela tradução das obras de Blavatsky e difusão pela Europa. Em 1926, ele se encontrou com Lunacharsky, Chicherin e Krupskaja na União Soviética. Na comunidade de emigrados, acreditava-se que ele era um agente soviético. Junto do escritor Maxim Gorky e Lunacharsky, havia na URSS o projeto para a formulação da “construção de Deus” para uma religião marxista para substituir as antigas, o que sofreu forte oposição de Lênin, em 1905.

Eles reconheceram o poder da religião e do mito para inspirar as pessoas a se sacrificarem, até morrer, por suas crenças. Baseava-se na “Construção de Deus” que pregava uma imortalidade coletiva que dissolve o indivíduo no cosmos, uma versão positivista do desprezo gnóstico pelo mundo

material. O energetismo estimulou as esperanças dos “construtores de Deus” “de aproveitar a energia latente das massas. No romance “Confissão” de Gorky (1908), uma multidão reunida, usando sua energia coletiva, cura uma garota paralisada.

O próprio Lênin tinha grandes interesses na teosofia, segundo o escritor Maxim Gorky, que era amigo pessoal do primeiro ditador soviético. “A teosofia não postulava um Deus pessoal, e a doutrina condenava o egoísmo e a acumulação de bens materiais – elementos compatíveis com o socialismo, de uma forma vaga”. O próprio Gorky era fascinado por hipnotismo como forma de influenciar as massas.

Ainda no período revolucionário, com a religião oficial enfraquecida, a ortodoxia sofreu o desinteresse das massas. Confusos com a nova situação, camponeses recorreram cada vez mais a

cartomantes, mágicos e curandeiros para obter ajuda e orientação, fenômeno semelhante ao que ocorreu com a própria elite intelectual, o que deu ainda maior impulso ao ocultismo. Com o início de certas liberdades civis após a primeira revolução, os círculos teosofistas passaram a funcionar na legalidade e certas crenças apocalípticas passaram a ser popularizadas, como a ideia de que a Revolução traria o Reino de Cristo na Terra.

Durante esse período, um renascimento das crenças pagãs da Rússia foi impulsionado.

Futurismo e xamanismo, do Império à Revolução

Já em meados do século passado, quando a Rússia estava prestes a mostrar ao mundo o horror do primeiro regime totalitário comunista, toda a sopa ocultista e neopagã que crescia do amálgama entre

teosofia, maçonaria e feitiçaria popular com a ortodoxia russa, recebeu mais um episódio de decadência: a influência do futurismo italiano, base estética do fascismo, facilmente adaptável ao nascente bolchevismo. Aqui começamos a ver a cara do duguinismo da atualidade em suas prefigurações políticas e artísticas. Junto do movimento estético futurista vindo da Itália, o incremento do cosmismo russo trazia um velho esoterismo de crenças místicas através de uma densa linguagem cientificista, antecipando, talvez, aquilo que hoje conhecemos como transumanismo. Embora Dugin e os neoeurasianistas do presente recusem essa influência atualmente, há fortes indícios de ligação e continuidade dessas ideias sob o guarda-chuva do ocultismo, como veremos.

Fora dos grandes centros artísticos e intelectuais da Europa e da América, representados pela vanguardista França, Inglaterra e dos EUA, o movimento futurista aparece justamente nas

periféricas Itália e Rússia, países ainda dominados por uma estética clássica, resquícios feudais e presença física do passado visível. Como explica o historiador Voltaire Schilling, não faria sentido evocar a tecnologia e os avanços da modernidade através de uma violenta evocação em países como EUA, onde a presença moderna se fazia visível nos arranha-céus de Manhattan já desde o final do século XIX. Já na Itália e Rússia, onde a sociedade apresentava restos de costumes, tradições e modos de vida associados ao passado, o empurrão para a modernidade parecia necessitar de certa violência. Este foi o impulso do movimento futurista vindo da Itália, que trazia uma negação violenta do passado.

Por volta de 1909, alguns russos expoentes da geração desiludida com a tentativa frustrada dos primeiros populistas, os narodnik, começaram a recriar as tradições russas sob formas modernas, adicionando-as a motivações esotéricas. Foi a

maneira encontrada para resolver a principal razão do fracasso dos populistas: o abismo aparentemente intransponível entre a intelectualidade e o povo, o que parecia trazer uma solução por meio do bolchevismo. Apesar de crescer conjuntamente ao ateísmo militante dos primeiros comunistas, esse processo é considerado por Rosenthal como um novo renascimento do paganismo na Rússia pré-revolucionária, feito através das sistematizações dos elementos folclóricos e subsequente mistura com o ocultismo das elites intelectuais. Um dos símbolos desse movimento foi o balé de Stravinsky, “A Sagração da Primavera”, que termina com o ritual de sacrifício dos eslavos pagãos. O retorno às crenças místicas e ao sagrado como sentimentalismo era uma resposta ao racionalismo das elites europeias e russas, mas cuja estética também foi acrescida de providencial materialismo através das utopias sociais de vanguardismo. A primeira parte da obra de

Stravinsky foi escrita por Roerikh, que retrata a dança em círculo, harmonia social e união orgânica com a natureza, espécie de versão russa da ariosofia, mas aliada à estética modernista radical dos primeiros anarquistas que se aliaram à Revolução. Não foi por acaso que este era o momento histórico que via surgir o Manifesto de Marinetti, de autoria do poeta italiano, Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), fundador do movimento futurista. O manifesto foi publicado no jornal parisiense Le Figaro, em 20 de fevereiro de 1909 e influenciou profundamente aqueles intelectuais russos.

O manifesto

Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e do destemor.

A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia.

A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.

Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia.

Nós queremos entoar hinos ao homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.

É preciso que o poeta prodigalize com ardor, fausto e munificência para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.

Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem.

Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente.

Nós queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo - o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher.

Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária.

Nós cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela sublevação; cantaremos as marés multicores e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor noturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas luas elétricas; as estações esganadas, devoradoras de serpentes que fumam; as oficinas penduradas às nuvens pelos fios contorcidos de suas fumaças; as pontes, semelhantes a ginastas gigantes que cavalgam os rios, faiscantes ao sol com um luzir de facas; os piróscafos aventureiros que farejam o horizonte, as locomotivas de largo peito, que pateiam sobre os trilhos, como enormes cavalos de aço enleados de carros; e o voo rasante dos aviões, cuja hélice freme ao vento, como uma bandeira, e parece aplaudir como uma multidão entusiasta.

É da Itália, que nós lançamos pelo mundo este nosso manifesto de violência arrebatadora e incendiária, com o qual fundamos hoje o

"futurismo", porque queremos libertar este país de sua fétida gangrena de professores, de arqueólogos, de cicerones e de antiquários. Já é tempo de a Itália deixar de ser um mercado de belchiores. Nós queremos libertá-la dos inúmeros museus que a cobrem toda de inúmeros cemitérios.

A Revolução Russa foi considerada um evento simbólico e representativo do sucesso de tópicos do manifesto de Marinetti, como o artigo número 11. Sem o Manifesto, é possível que a sequência revolucionária russa manteria a estética e a ênfase daquela de 1905, isto é, a ênfase mística esotérica e teosófica que a dominava. Com o futurismo, a Rússia pôde apresentar-se de maneira moderna e revolucionária e unia-se às vanguardas artísticas da Europa moderna que a financiou.

Afinal, foi da mistura do fascismo de Marinetti com o modernismo e cubismo, que surgiu, por

volta de 1912, o grupo de ativistas russos Hylaea, considerado “cubo-futurista”, com forte influência do Cubismo e relação com vários artistas plásticos. O grupo publicou um manifesto intitulado “Um tapa na face do gosto público” e se definia pelo ultraje, arrogância e ousadia artística, renunciando o movimento modernista que influenciaria o restante do mundo através da Itália e da França, mais tarde.

Em contraste com o futurismo italiano, porém, a versão russa era um movimento heterogêneo mais ligado à literatura que às artes plásticas, embora alguns de seus principais poetas, como Maiakovski, tenham se aventurado também na pintura e sua poesia tenha influenciado o construtivismo russo e interagido com os artistas que iriam fundar o Suprematismo, movimento artístico russo centrado na ênfase das formas geométricas básicas, como círculo e quadrado. Este movimento é considerado

a primeira escola de pintura abstrata do movimento modernista.

Em meio a certa perseguição czarista às sociedades secretas, o ocultismo e orientalismo refugiaram-se neste movimento. O nome do grupo, Hylaea, era uma homenagem ao lar dos citas, os ferozes nômades da Ásia Central. O movimento de subversão cultural se tornou, assim, um refúgio de intelectuais que viam na oportunidade do processo revolucionário a sobrevivência dos cultos de mistérios pagãos, fundando um sectarismo mágico que se acreditava verdadeiro herdeiro do cristianismo esotérico a partir da rejeição à Igreja estabelecida. Toda a revolta russa histórica contra a autoridade se reuniu na vanguarda revolucionária que unia misticismo, estética e socialismo. Eles consideravam o czar como o Anticristo, razão pela qual apoiaram a Revolução. Como podemos ver, nem tudo nos bolcheviques era ateísmo.

Ainda pouco antes da revolução, começou o interesse por uma sistematização do folclore siberiano e da mitologia nórdica aborígene russa. Um deles é o antropólogo revolucionário Vladimir Bogoraz, que havia deixado a Rússia em 1901, indo para Nova York, onde se tornou curador do Museu Americano de História Natural e publicou sua pesquisa sobre a cultura do povo siberiano chukche e a sua mitologia. De volta à Rússia poucos anos depois, ajudou a organizar o Primeiro Congresso Camponês e o Grupo Trabalhista na Duma. Em 1910, foi publicada uma coleção de suas obras em dez volumes.

Por meio da sua obra, e outras, o xamanismo russo começava a fascinar a classe intelectual modernista, que via a si mesma como uma espécie de casta sacerdotal vanguardista. O pintor e etnólogo Kandinsky e outros modernistas viam os artistas russos como espécies de curandeiros espirituais, consagrando uma linguagem encantatória

xamânica como principal fonte do conceito futurista de zaum, que significava uma linguagem “transracional”, associada por sectários místicos à glossolalia, fala em línguas incompreensíveis como fenômeno místico.

A força do ocultismo e as práticas mágicas estavam integradas na corte imperial da Rússia desde o início daquele século XX. Afinal, o sincretismo com a ortodoxia promovido por ideias maçônicas e teosóficas levava a uma busca crescente por uma iluminação pessoal que conduzia à descoberta de um destino comum ao povo russo. É dessa época o poder da figura de Rasputin, cujo aparecimento foi, na verdade, a culminação de uma longa série de charlatões místicos que influenciam a corte. Um dos que o precederam e abriram caminho para a influência imperial foi o Barão Phillippe, da França. A ligação da corte russa imperial com o ocultismo era flagrante e remonta ao reinado de Pedro III, no qual Catarina, a Grande, insinuou fortemente que

o verdadeiro pai de seu filho e sucessor, o czar Paulo I, não era seu marido Pedro III da Rússia, mas sim Sergie Saltykov, também conhecido pelo pseudônimo de Conde St. Germain, um personagem misterioso. St. Germain teria sido um general russo que participara de uma conspiração com o exército para ajudar Catarina a usurpar o trono de Pedro III. O suposto filho deles, Paulo I, chamado o “imperador de todas as Rússias”, teve ligações com o famoso ocultista Jacob Frank, autodenominado sucessor do cabalista Sabbatai Zevi (1626-1676), em Viena. Por sua vez, Frank fomentou deliberadamente rumores de que sua filha e amante Eve era filha ilegítima de Catarina. Jacob Frank foi o fundador do chamado “fanquismo”, espécie de heresia judaica, condenada pelo judaísmo oficial, que pregava a libertação por meio do pecado. O patriarca desse culto era Sabbatai, fundador do sabbataísmo, uma doutrina que encontra ligações suspeitas que vão até

Sigmund Freud. Era uma religião niilista segundo a qual o pecado era uma prática “sagrada” cujo objetivo seria aniquilar a religião moral e todo sistema de crença ética. “Se não podemos ser santos, sejamos todos pecadores”, dizia Frank, que se baseou em seu suposto mestre, Sabbatai Zevi, auto proclamado messias dos judeus e classificado como “Falso Messias” desde o século XVII pela religião judaica. O culto do franquismo foi particularmente popular desde o Iluminismo no leste europeu e Europa Central e, por meio do czar Paulo I, pode ter tido forte influência na Rússia imperial.

Essa especulação não parece fora de propósito. Afinal, a czarina Catarina é lembrada como uma das “Rainhas Iluminadas”, devido às várias reformas políticas e culturais em nome da misteriosa e mítica seita dos Illuminati. Voltaire, com quem Catarina mantinha correspondência regular, a chamava de “Semíramis da Rússia”, em

referência à antiga rainha da Babilônia, em quem se baseava o culto à deusa Astarte.

Em meio a um processo de permanente infiltração esotérica nas ordens de cavalaria medievais remanescentes, a maçonaria russa se estabelecia por meio da Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, hoje conhecida como antecessora da Ordem dos Hospitalários e, no século XIX, passou a ser chamada Ordem de Malta da Rússia. De caráter profundamente ecumênico, professando, assim, o indiferentismo religioso típico da maçonaria, a ordem reunia toda a elite russa de então. A ligação histórica com as cruzadas dava legitimidade cristã na corte e enfatizava um prestígio de nobreza e alto grau espiritual ao Império Russo, o que se unia com o ocultismo dos intelectuais da elite revolucionária.

Nesta mesma época, cresciam na Rússia as teses antissemitas, acompanhando a moda europeia, mas principalmente fundamentadas no próprio

paganismo eslavo e na teosofia. Isso contribuiu para a disseminação da obra os Protocolos dos Sábios de Sião, falsificação feita por Sergei Nilus, difundida por agitadores como Illior John de Kronstadt, arcepreste ortodoxo russo e membro do Santíssimo Sínodo da Igreja Ortodoxa Russa. Conhecido por suas confissões em massa, numerosos milagres e trabalhos de caridade, Kronstadt tornou-se um santo da Igreja Ortodoxa, mas associava os judeus a demônios. A marca desse período era justamente a união entre ocultismo e antissemitismo.

A combinação explosiva entre as interpretações ocultistas do cristianismo ortodoxo russo, de matiz profundamente apocalíptica, com as ideias políticas radicais, anarquismo e marxismo, fundamentaram o verdadeiro revolucionismo místico que levou ao regime soviético. Por trás da solidariedade comunista, da comunhão universal que deu origem

à ideologia globalista, havia a ideia de que o amor e uma nova síntese religiosa, um novo mito, uniriam a nova sociedade mundial em torno de um “novo céu e nova terra”, conduziam aquela intelectualidade a crenças ocultas, misturadas com a ideia joaquimita de uma Terceira Revelação. Merezhkovsky chegou a acreditar que a Revolução de 1905 foi o início do Apocalipse que inaugurou a nova era russa no mundo.

Androginia, feminismo e magia sexual

Embora a ideologia contemporânea ocidental, surgida a partir da revolução sexual dos anos 60, reivindique o pioneirismo das ideias libertárias da sexualidade, tudo isso já estava presente no ocultismo russo imediatamente anterior à revolução de 1917.

Em uma entrevista à TV russa, Dugin disse que a ideia de identidade de gênero é um princípio ocidental, assim como a ideia de masculinidade, também ligado ao Ocidente. A Rússia, diz ele, está mais associada ao princípio feminino e à androginia. Por algum motivo, essa entrevista não foi mais encontrada na internet. Mas a que Dugin poderia estar se referindo?

Historicamente, a fascinação pelo oculto e o sectarismo levou à rejeição dos padrões de moralidade, especialmente a partir do profundo impacto que teve a obra de Nietzsche na Rússia do início do século passado. Rosenthal recorda a importância da androginia como fundamento para justificação de homossexualidade e lesbianismo anterior à revolução.

Como na Europa Ocidental, o ideal da androginia foi usado para justificar a bissexualidade, a

homossexualidade e o lesbianismo, mas com um toque exclusivamente da Rússia – arranjos, incluindo manage à trois, baseados no significado místico do número três. Berdiaev se opôs especificamente à família por vincular homens e mulheres a preocupações mundanas.

Como ficará claro no capítulo específico sobre Blavatsky, a crença na hipótese do andrógino primordial teve profunda influência nos meios teosóficos, sendo que as ideologias do feminismo e da teoria queer contemporâneas devem à madame russa as suas primeiras intuições, o que nos permite compreender as mensagens ocultistas por trás de inúmeros produtos e modas de pensamento da atualidade. Essas ideias ocultistas e místicas foram caracterizadas por sua ênfase em um princípio feminino, segundo conta Rosenthal. Este era o período da crença em uma trama secreta que

incluía um cristianismo apocalíptico, o prometeísmo de Nietzsche, a estética wagneriana, a filosofia de Soloviev, especialmente sua doutrina de Sophia, e a esperança de Fedorov de ressuscitar os mortos por meio da ciência.

Uma das personalidades célebres dessa época foi a mística e ocultista, Maria de Naglowska, cuja fama e atuação se estendeu por grande parte do período soviético. A sua história não tem ligação direta com o eurasianismo, exceto pela ligação que teve com Julius Evola, mas serve para compreender o contexto intelectual russo no qual aparecem as doutrinas comunistas e fascistas, além de desmistificar a ideia recorrente de que a Rússia foi ou é preservada da decadência associada ao Ocidente. Na verdade, como temos visto, essa decadência deve à Rússia grande parte do seu ponto de partida.

Naglowska foi uma artista, ocultista e jornalista russa que escrevia e ensinava práticas rituais de

magia sexual. Como artista, ela estava ligada ao movimento surrealista parisiense. Em seu ensino oculto, sobre o qual concedia seminários subversivos por toda a Europa, centrou-se no que chamou de “Terceiro Termo da Trindade”, no qual o Espírito Santo da Trindade cristã seria, na verdade, o “divino feminino”.

Durante a revolução russa de 1905, Naglowka teria tido contato com o ocultismo em reuniões fechadas de místicos revolucionários, o que deu início à sua carreira de escritora e palestrante. Pertencendo à Sociedade Teosófica, Naglowska conheceu, mais tarde, Julius Evola e criou o grupo ocultista chamado Irmandade da Flecha Dourada. Ligado ao grupo, criou a revista A Flecha, na qual publicou artigos de diversos místicos europeus, incluindo René Guénon em sua fase ocultista inicial.

Naglowska não era uma qualquer. Era filha do governador da província de Kazan, pertencendo, portanto, à elite russa de então. Assim como

Blavatsky, ela fugiu de casa para casar-se com um plebeu, do qual separou-se mais tarde, em Berlim, e viajou para a Suíça, de onde foi expulsa por suas polêmicas palestras, indo para Roma por volta de 1920 e depois para Paris.

Em Paris, conduzia seminários de ocultismo atraindo mais de 40 pessoas para ouvir suas ideias sobre magia sexual. Desses encontros participaram importantes nomes de escritores da época, como Evola, William Seabrook, Man Ray e André Breton. Foram essas reuniões que culminaram na criação da Irmandade da Flecha Dourada. Naglowska também influenciou o movimento artístico surrealista, sendo incluída no “Lexique succinct de l'érotisme”, presente no catálogo da Exposição Surrealista Internacional de 1959, em Paris.

Julius Evola – depois de Dugin, o mais proeminente escritor neofascista cultuado atualmente –, se refere a Naglowska como escritora

ousada e chocante por sua insistência “desnecessária” no satanismo. A verdade é que ela se referia a si mesma como “uma mulher satânica” e explicitamente encoraja seus discípulos a imaginarem Satanás como “uma força dentro da humanidade, e não como um espírito externo maligno e destrutivo”. Para ela, a razão humana está a “serviço de Satanás” como símbolo do anseio natural do homem por liberdade e alegria.

“Meus Irmãos, os Veneráveis Guerreiros da Flecha Dourada, dirão: ‘O Homem Livre em você era Satanás, e Ele queria a alegria eterna, mas você, Liberto Irmão, você decidiu o contrário, porque você não era apenas Satanás, mas também Aquele que vive, sendo Vida”.

Em sua prática ritual, Naglowska incluía preces que deviam ser recitadas pelos homens durante o coito, prometendo “despertar Lúcifer das sombras satânicas da masculinidade”.

Ossendowski e o Rei do Mundo

O escritor e ativista polonês, Ferdinand Ossendowski, não nascera na Rússia, mas sua vida e carreira tiveram grande impacto naquele país, onde chegou a ser preso, exilado e criou um movimento de esquerda na Polônia para apoiar ideias revolucionárias. Mais tarde, arrependeu-se e se envolveu com o movimento branco, dos intelectuais czaristas antibolcheviques. No entanto, sua história é repleta de mistérios.

O início de sua carreira foi completamente ligada às ciências. Como professor de matemática, física e química, teve a oportunidade de viajar por diversas partes afastadas do mundo, como Índia, China, Tibete, Japão, Malásia e Indonésia. Ele se envolveu na criação do Comitê revolucionário central, organização esquerdista que procurou tomar o poder na Manchúria durante a revolução comunista de 1905. Fracassado o golpe, Ossendowski militou em uma greve contra a repressão do Reino da Polônia, sendo preso e condenado à morte por conspiração contra o czar. Mas sua pena acabou perdoadada e foi condenado a trabalhos forçados. Depois de solto, passou a viver de literatura e no início da Primeira Guerra Mundial, publicou um romance de ficção científica, um panfleto de propaganda contra os alemães na Rússia e um folheto sobre crimes de guerra dos alemães e austro-húngaros, tendo intenso ativismo jornalístico político.

Considerado uma espécie de Robinson Crusóe do seu tempo, o período mais estimulante de sua vida, de fato, começa após a Revolução Russa de 1917, quando muda-se para a Sibéria e começa a se envolver com ativistas anti-soviéticos e intelectuais brancos, aqueles mesmos ligados às origens do movimento eurasiático clássico. Em 1920, Ossendowski se junta a um grupo de poloneses do exército branco para escapar do controle dos comunistas através da Índia, Mongólia, China e Tibet. A sua jornada de milhares de quilômetros foi imortalizada em livros e filmes. Seu grupo chegou à Mongólia e recebeu cidadania pelas mãos misteriosas de outra personagem enigmática, o barão Roman von Ungern-Sternberg, também chamado de “Barão Sanguinário”, para quem Ossendowski passou a trabalhar e conviver.

No campo da política, Ossendowski ficou conhecido como um inimigo da União Soviética, considerado “agitador anticomunista” pelo regime

e tendo seus livros proibidos de circular na Rússia e, mais tarde, até mesmo na Polônia. Seu livro mais famoso sobre isso era um ataque direto a Lênin e a política soviética.

No entanto, o seu livro mais lido e influente no Ocidente foi o famoso *Beasts, Men and Gods* (Bestas, Homens e Deuses), publicado em 1922. Nele, o autor narra uma história fictícia sobre o encontro com o Rei do Mundo. Mas o caráter fictício do livro parecia bastante relativo, já que em uma entrevista dada ao jornalista Fredric Lefevre, em 1924, o mesmo se referiu a Ossendowski como “o homem que viu o Buda vivo”. O termo “Rei do Mundo” também aparece em René Guénon como título de seu livro não menos misterioso e polêmico, onde o sufi francês dispensou-se do gênero ficção e afirmou ter, de fato, visto o Rei do Mundo escondido e reinando em uma viagem pelas cavernas subterrâneas do Tibete.

Para compreender o que seria este misterioso rei oculto que vive no subterrâneo, talvez fosse necessário recorrermos a uma densa bibliografia e referências nas diversas doutrinas orientais pelas quais aparece tal figura. Mas, para fins de nossa compreensão suficiente, basta um trecho da mesma entrevista, em mesa redonda, entre Ossendowski, Guénon e o filósofo católico Jacques Maritain.

Depois de contar que o “Buda Vivo” encontrado por ele representava a natureza guerreira de Buda, enquanto outros Dalai Lamas representam outras naturezas, Ossendowski admite que o indivíduo encontrado por ele era um velho bêbado, ao que ele e Guénon asseguraram não “ter importância”, isto é, não o diminui em santidade. “O poder está com os comerciantes russos que o obrigaram a beber para melhor explorá-lo”, explica. “Ele perdeu a visão. A personalidade do Buda vivo apresenta a mesma dualidade que se encontra novamente em todo o lamaísmo. Quando ele ficou cego, os Lamas

caíram no mais profundo desespero. Alguns deles tinham certeza de que era necessário envenená-lo e colocar em seu lugar outro Buda encarnado”.

A conversa gira em torno do simbolismo desse personagem, mas Ossendowski volta ao assunto para esclarecer melhor. “Voltando ao Buda vivo, ele não fica bêbado todos os dias e, tirando esse defeito, ele me pareceu um homem muito superior”, disse.

Neste momento, parece interessante um trecho maior da conversa entre os expoentes da intelectualidade daquele tempo.

Jacques Maritain: O que você acha do mistério do Rei do Mundo, líder de uma humanidade subterrânea com ciência e poder maravilhosos, a quem você considera em seu livro como o mistério central animador da esperança mongol?

Ossendowski: Suponho que esta lenda tenha origem política. Nenhuma nação da Ásia sendo

forte o suficiente para sustentar temporariamente o imperialismo da religião amarela, essa função foi transferida para uma humanidade subterrânea e para o seu líder. E assim as esperanças dos asiáticos tiveram o apoio necessário... enquanto esperavam pelo novo Genghis Khan.

Guenon: A ideia do Rei do Mundo remonta à antiguidade na Ásia e sempre teve um papel importante na tradição hindu e shaivita que forma a base do budismo tibetano.

Maritain: Para nós, em todo caso, este nome evoca diversas assonâncias, “o príncipe deste mundo foi “julgado”, dizem os Evangelhos.

Maritain dá o tom da tradição católica, que é o que nos interessa, mostrando o quão perigosas podem ser, para os cristãos, as elucubrações eventualmente positivas e espiritualistas sobre essa figura controversa a que Guénon dá especial importância

em suas obras, possivelmente até muito mais do que julgam os especialistas e discípulos dele no Brasil, alguns inseridos no ambiente cultural brasileiro e com influência crescente em debates sobre as tradições espirituais. Pelo que já sabemos da “simpatia pelo demônio” de Guénon, já podemos compreender do que se trata o tal Rei do Mundo.

Para Ossendowski, o Rei do Mundo se relacionava ao Sanat Kumara, misterioso personagem das tradições esotéricas orientais. Segundo essas tradições, ele seria um dos quatro “kumaras” saídos da mente de Brahma, de acordo com os escritos hindus. Mas a sua fama ocidental se deu através de Helena Blavatsky. A guru russa, porém, o relacionava com Lúcifer e com os Anjos Caídos. Sanat Kumara ganhou maior destaque quando o seguidor de Blavatsky, Charles Leadbeater teria revelado que Sanat Kumara e o “Rei” ou Senhor do Mundo eram a mesma entidade, informação que

teria obtido por meio do chefe da Grande Fraternidade Branca de Mahatmas, suposto revelador dos princípios da Teosofia. Leadbeater e teósofos posteriores como Alice Bailey acreditavam que Sanat Kumara teria vindo à Terra há mais de 18.500 anos, proveniente do plano etérico do planeta Vênus, acompanhado por 30 “Senhores da Chama”. Como Rei do Mundo, Kumara é considerado o guru “salvador” da Terra, um “ser avançado” da “nona iniciação”, a mais alta possível no planeta, de acordo com o critério dos teosofistas. Ele também é chamado de “regente da Terra” e da humanidade, chefe da hierarquia espiritual terrestre, morador de Shambhala. Considera-se também que Sanat Kumara é al Khidr, “O Verde” dos Sufis, que despertou especial atenção de Carl Jung.

O termo árabe Khidr Al-Khadir é caro ao sufismo e significa “verde” ou “verdejante”. É um personagem do sufismo, conhecido como uma

figura lendária que se diz ter descoberto a “Água da Vida”, ou seja, Espírito ou Consciência Pura e é considerado uma espécie de profeta eterno. As tradições orientais o relacionam com Elias e com Utnapishtim, do épico de Gilgamesh. Ele pode ser encontrado junto com a tradição druida do enigmático Cavaleiro Verde e no poema do inglês médio “Sir Gawain and the Green Knight” .

Este símbolo possui uma analogia óbvia com a clorofila das plantas, representando o limiar ou interespaço entre a existência solar e terrena, “onde os dois mares se encontram”, segundo o Alcorão (18:60/61). Também é ligado com o “coração psicoespiritual nos homens, consciência terrena e conexão de vitalidade com a luz divina. Segundo um site de orientação sufista, o Khidr “transcende e refresca nossa compreensão religiosa habitualmente seca, literalista ou dogmática, representando o sustento conectivo da inteligência direta”. Um

“professor espiritual dentro de nós”, ou centelha no coração, segredo inato, etc.

O termo, assim como o conceito, é facilmente encontrado em descrições acadêmicas envolvendo mandalas e cultura árabe associados aos estudos psicanalíticos de Carl Jung. Em uma busca por artigos e teses universitárias, não é raro encontrar estudos tipicamente New Age que ensinam como confeccionar mandalas que utilizam o conceito de “verde” nessa mesma ligação com o Khidr islâmico e sufi explorado por Jung, onde para ele o centro da mandala é associado ao cálice de lótus indiano. A lótus é uma flor que cresce na lama e nos pântanos e possui forte simbologia para povos do oriente.

Filosofia

“SÍMBOLO É MATRIZ DE INTELECÇÕES”

André Figueiredo

Desde os primórdios da humanidade, o fascínio pelo mistério e pela transcendência tem impulsionado os homens a buscar respostas para as questões mais profundas da existência. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Essas perguntas ecoam em todas as culturas e épocas, moldando tradições religiosas, sistemas filosóficos e,

mais recentemente, a investigação científica. No cerne dessa busca está o desejo de compreender o sagrado, aquilo que transcende o material e conecta o homem a uma realidade mais alta e significativa.

Ao longo da história, surgiram diversos caminhos e interpretações do sagrado. Nas culturas antigas, mitologias complexas procuravam explicar os fenômenos naturais e espirituais, frequentemente associando-os a deuses ou forças metafísicas. Com o avançar das eras, sistemas filosóficos e esotéricos (como a Cabala judaica, o hermetismo greco-egípcio e as doutrinas alquímicas medievais) passaram a oferecer leituras mais abstratas e "simbólicas" do universo. Esses sistemas buscam não apenas descrever o cosmos, mas também operar nele, oferecendo ao homem a ilusão de que pode participar ativamente de sua transformação e ascensão espiritual.

Entre essas tradições, as visões esotéricas adquiriram um papel de destaque, prometendo um conhecimento oculto reservado apenas a poucos escolhidos. Essas tradições esotéricas frequentemente reinterpretem o sagrado sob uma ótica gnóstica, onde o conhecimento (*gnosis*) é a chave para a redenção e para a compreensão do universo.

No entanto, enquanto tais caminhos frequentemente enfatizam o papel do homem como criador e intermediário do sagrado, o Cristianismo oferece uma visão radicalmente diferente - em vez de exaltar o homem como detentor de um conhecimento especial que o eleva ao divino, o Cristianismo apresenta um Deus que vem ao encontro do homem. A Encarnação do Verbo em Jesus Cristo é o ponto central dessa visão: Deus não é apenas uma força transcendente,

mas um Pai amoroso e pessoal que entra na história humana para redimi-la.

Esse contraste entre as visões esotéricas e a revelação cristã representa mais do que uma simples diferença teológica; é um confronto entre duas compreensões fundamentais do sagrado e do papel do homem no cosmos. O Catolicismo rejeita a ideia de um conhecimento secreto e elitista, afirmando que a salvação é um dom universal oferecido a todos por meio de Cristo. Essa universalidade encontra expressão nos sacramentos, especialmente na Eucaristia, onde o mistério da Encarnação e do sacrifício redentor de Jesus se tornam presentes e acessíveis. A Eucaristia remete a um ponto central que conecta o céu e a terra, o divino e o humano, e representa a Ordem Cósmica e a harmonia entre o mundo material e o transcendente.

Na tradição católica, a figura de Cristo é frequentemente interpretada como o verdadeiro "Eixo do Mundo", já que Ele é a ponte entre Deus e a humanidade. Cristo, através da sua encarnação, morte e ressurreição, unifica o mundo temporal ao eterno. Ele é o centro de toda a criação, e todas as coisas convergem n'Ele.

Os signos - seja na forma de sacramentos, rituais ou até símbolos naturais (como a luz, a água, a cruz) - atuam como pontes que conectam o divino ao humano. Eles permitem que o homem, que vive na terra, participe da ordem celestial. O "Axis Mundi", neste contexto, seria não apenas um centro geográfico ou físico, mas uma realidade espiritual que conecta a terra ao céu, e isso se dá através dos signos que o homem interpreta e experimenta. Isso se manifesta, por exemplo, na prática sacramental da Igreja, onde cada sinal, cada símbolo, participa

da realidade transcendental e traz consigo uma verdade divina.

Entretanto, para uma maior compreensão da semiótica aqui discutida, é preciso fazer uma distinção entre SÍMbolos e DIÁbolos, que se apresenta de forma profunda tanto em uma perspectiva teológica quanto etimológica. O prefixo de ambas as palavras, "sim-" e "dia-", revela, em seu sentido original, o modo como essas entidades se relacionam com a realidade, o transcendente e a ordem divina.

Vamos explorar essas duas palavras em seus significados profundos, além de suas implicações teológicas.

O termo símbolo vem do grego "symbállein" (συμβάλλειν), que significa "juntar" ou "unir". O prefixo "sim-" ou "sym-" denota união, como no

caso de palavras como "sintético" (que se refere a algo que reúne ou combina diferentes partes em uma totalidade). Assim, um símbolo é, etimologicamente, algo que une o mundo material com uma realidade espiritual, divina ou transcendental.

No contexto teológico, um símbolo é algo que representa e participa de uma realidade além de si mesmo. Ele une o que é visível e o que é invisível, o transcendente e o imanente. No Catolicismo, como já exposto, os sacramentos são símbolos de Graça Divina - não apenas algo que aponta para Deus, mas algo que participa da realidade divina que ele simboliza. A água do batismo, o Corpo e o Sangue de Cristo na Eucaristia, são símbolos porque unem o mundo material ao espiritual.

Já o termo diábolo vem do grego "diabállō" (διαβάλλω), que significa "dividir" ou "separar". O

prefixo "dia-" denota separação ou divisão. Enquanto o símbolo une, o diábolo separa - ele divide o homem de Deus, da Verdade levando a mentira, distorcendo a ordem e encaminhando ao caos. Em teologia cristã, o diabo é visto como aquele que divide e distorce a verdade, conduzindo as almas ao erro e à perdição.

Na tradição cristã, o diabo é, essencialmente, o inimigo da ordem divina, um agente que tenta dissociar o ser humano da verdade de Deus. Ele não apenas distorce a ordem criada, mas também trabalha para dividir a criação, obscurecendo o verdadeiro propósito e a verdade de Deus. Ao dividir e separar, o diabo cria ilusão e confusão, levando as almas para longe da luz divina. Um diábolo é aquele que tenta dividir o cosmos e a alma humana de seu fim último, que é a união com Deus.

Enquanto os símbolos são meios de união entre o material e o espiritual, apontando para a realidade transcendental e nos conectando com o divino, os diábolos têm como função destruir essa união e nos afastar da verdade. A ação do diabo pode ser vista como uma tentativa de criar distância entre os seres humanos e Deus, dissociando a criação do seu propósito final.

Poderíamos ver os símbolos como elementos que participam da ordem divina, refletindo a harmonia e a inteligência que permeiam o cosmos. O diábolo, por outro lado, tenta deturpá-la - ele seria o agente da entropia espiritual, que tenta desorganizar e fragmentar a ordem cósmica estabelecida por Deus.

Matriz é o lugar onde se é gerado. Intelecção é a capacidade da inteligência quando entende, quando capta algo da realidade.

A análise das palavras "matriz" e "intelecção" no contexto do símbolo como "matriz de intelecções" traz à tona uma abordagem filosófica e teológica que revela a profundidade ontológica do símbolo enquanto gerador de significado e de conexão entre a realidade material e espiritual.

A palavra matriz origina-se do latim "matrix", que significa útero, origem, ou moldura geradora. Assim, no contexto simbólico, matriz é o lugar onde algo é gerado, tomando forma e adquirindo uma existência plena. A matriz é mais do que um espaço físico; é um princípio ontológico que contém a capacidade de gerar uma realidade ou um sentido. No caso dos símbolos, a matriz seria o princípio de significação que gera intelecção, ou seja, conhecimento e apreensão do real. A matriz, enquanto lugar de geração, está presente em toda a criação. Ela é o espaço metafísico onde o potencial se torna atual.

A palavra intelecção deriva do latim "intellectio", que significa compreensão ou ação de entender. Está intimamente ligada ao verbo "intelligere", composto de "inter-" (entre) e "legere" (ler, escolher, discernir). Assim, intelecção é o ato de "ler entre as coisas", ou seja, de discernir significados "ocultos" ou subjacentes à realidade visível. A intelecção é a capacidade da mente humana de captar a essência ou a verdade de algo. Em relação ao símbolo, a intelecção é o processo de decodificar a matriz geradora de sentido.

Isso implica que o símbolo não apenas contém significado, mas também exige um ato cognitivo do observador para revelar e participar desse significado.

Quando dizemos que "o símbolo é uma matriz de intelecções", estamos afirmando que o símbolo é

um princípio gerador de significados que exige do observador a ação de captar e compreender sua relação com a realidade maior. O símbolo é uma ponte, mas essa ponte só cumpre sua função quando a inteligência humana, iluminada pela Graça Divina, se engaja no ato de entender.

Um símbolo como matriz não tem apenas um único significado; ele gera intelecções múltiplas dependendo da profundidade com que é explorado. Por exemplo, a cruz, como símbolo, contém camadas de significado: ela é ao mesmo tempo histórica, teológica, cosmológica e redentora.

Enquanto o símbolo é uma matriz que gera intelecções e unidade, o diábolo atua como um anti-matriz, ou seja, um princípio de dispersão e confusão. O diábolo, em vez de gerar intelecções, dissolve significados, introduzindo caos e distorção.

A Matriz (símbolo) gera intelecção, unidade e verdade. A Anti-matriz (diábolo) fragmenta, divide e distorce a realidade, impedindo a intelecção plena.

A frase "símbolo é matriz de intelecções" revela uma profunda verdade filosófica e teológica: os símbolos, enquanto matrizes, são lugares de geração de significado que exigem da inteligência humana um ato de intelecção para apreender as realidades mais profundas. No Catolicismo, isso reflete o movimento dinâmico da alma em direção ao divino, através de realidades materiais que apontam para a transcendência, tendo como eixo principal Nosso Senhor Jesus Cristo. Por outro lado, o diábolo se opõe a esse movimento, tentando desintegrar a matriz e bloquear a intelecção, desviando a alma da Ordem Divina e da Verdade.

CONTRA-REVOLUÇÃO

A SATURAÇÃO
REVOLUCIONÁRIA E A
DOCILIDADE DOS
CONSERVADORES

*Todo recuo estratégico da Revolução transfere
o foco de poder da política para as almas*

Cristian Derosa

O processo revolucionário vive de radicalismos que se intercalam com recuos estratégicos. Com isso, eles fingem-se de mortos e avançam em um terreno ainda mais profundo, não mais nas pautas políticas e na opinião pública, mas no aspecto poético-estético, ou intelectual, que sedimenta no imaginário popular uma colheita para o futuro retorno da Revolução que irá, mais adiante, servir de base para outra radicalização. Vimos isso ocorrer historicamente na Revolução Francesa, quando o terror deu lugar à tão esperada “Restauração”. Nela, restabeleceram-se monarquias, reconstruíram-se relações de paz e harmonia para, num sentido mais profundo, manter as teses mais perigosas da Revolução a salvo dos seus próprios erros.

Com isso, todos os prejuízos do processo de radicalização são como que “perdoados” pelo mundo, que passa a aceitar a Revolução desde que se apresente em linguagem mais polida, menos agressiva às sensibilidades daqueles que servirão de agentes da próxima etapa. Isso se dá, entre outras razões, pela natureza autofágica da Revolução: ela

destrói o que não serve mais, utilizando-se dos recursos humanos gerados pelos seus erros.

É exatamente o que temos visto ocorrer com o conservadorismo atual, a chamada onda conservadora, percebida há algum tempo pelos condutores da fase globalista da revolução, para avançar para uma nova fase, cujo discurso se pautará pelo mesmo igualitarismo e multiculturalismo, mas com uma linguagem adaptada às sensibilidades de tradicionalistas católicos e dos conservadores protestantes.

O novo recuo estratégico do processo revolucionário é consciente, programado e de certa forma uno, pois possui um senso de lealdade e coerência baseado no acúmulo de certos interesses de parte da velha esquerda e de uma nova direita aparentemente descobridora de uma versão esotérica das suas raízes e tradições, coisas que a própria velha esquerda aprendeu a respeitar ou tolerar, desde que não se apresente como um universalismo típico da Igreja Católica. É neste sentido que venho alertando para o profundo

anticatolicismo que domina essa nova ênfase nas tradições, vindo tanto da direita quanto da esquerda.

Os atores desse recuo possuem, porém, papéis dialéticos e às vezes contraditórios. Mas isso é porque eles ora representam a bandeira da renovação, do anti sistema, ora reafirmam o próprio sistema para apostar na saturação. É o caso de Trump quando na sua típica linguagem agressiva ataca o BRICS e a Rússia, mas por meio de seus apoiadores, favorece o diálogo e a negociação para garantir que todos mantenham um crescimento sustentável de suas agendas. Elon Musk, que provoca frisson entre os brasileiros quando ataca Alexandre de Moraes, mas aposta pesado no transumanismo e em suas máquinas cerebrais cibernéticas que carregam em si a utopia mais satânica possível. Nayib Bukele e Milei soam aparentemente ocidentalistas e contrários a Putin ou ao Islã, mas as suas agendas favorecem, cada um à sua maneira, a um processo de saturação.

Mas ambos não iniciaram nada. Apenas surfam numa onda que vem crescendo há muito tempo com o aval e o dinheiro globalista.

Esse processo já tem avançado pela atualização da moda “coaching”, velhos autores da já ultrapassada “auto-ajuda”, iniciada com nomes como Napoleon Hill, que vem sendo atualizada por nomes como Jordan Peterson. Eles apostam na onda antissistêmica, conduzida por um tipo de espiritualidade social supostamente defensora de um retorno das tradições a um mundo antitradicional e moderno. Na prática, tais “tradições” ressurgem pela mesma plataforma anticatólica, seja pela velha New Age ou o tradicionalismo perenialista de base islâmica.

Mas é claro que essas “tradições” ressurgem com o incremento pós-moderno do próprio transumanismo que dizem combater, numa frente estética de recrutamento de jovens em fileiras de fãs de animes violentos, jogadores de video games e consumidores de pornografia que facilmente são convertidos em saturados paladinos “contra o

mundo moderno” que está dentro deles. Um “niilismo épico” que resgata com todas as forças as potências do ódio em admiração aos impérios mais sanguinários e tribais, como numa verdadeira abertura das portas do inferno a pretexto da purificação final. Os jovens enfiados em seus quartos anseiam por um tirano e um banho de sangue, para o qual desejam ser recrutados como kamikasis, heróis suicidas inspirados no ódio ao mundo, à família e ao ocidente. Os ataques a escolas são apenas ensaios desta batalha programada.

Quem vence a queda de braço? Os conservadores é que não.

A briga para ressignificar e dar direção desejada à chamada onda conservadora, fruto da saturação com as teorias e agendas antinaturais, obviamente só pode ser vencida por quem detém os meios de ação e de descrição da realidade. O atual contexto é o resultado de sucessivos avanços e recuos estratégicos, de maneira que as teses revolucionárias já residem no coração dos homens há tanto tempo

e com tão agarradas raízes, que precisariam mil vidas para estudá-los e cortar seus grilhões um a um. Humanamente falando, isto é impossível.

Adormecidos, muitos católicos, ao invés de apostarem pesado num processo de retomada que só pode vir da fidelidade mais radical à Igreja e à Virgem Maria, apostam na já fracassada moda do diálogo, da tolerância e da conciliação entre bem e mal, sentindo-se desamparados em uma sociedade em ruínas que ainda desejam ardentemente agradar. Mas esta é outra história.

A pandemia, como já dissemos, serviu como um elemento gerador de grande saturação da atual fase revolucionária, quando pessoas que antes estavam alienadas do processo passaram a compreender a natureza dos projetos globalistas de maneira um tanto rudimentar. Se esse “despertar” provocado pela pandemia não serve para a compreensão da complexidade da Revolução, é suficiente para a criação de uma verdadeira milícia de “companheiros de viagem” que construirão a verossimilhança democrática, isto é, a aparência de

legitimidade social, para o avanço da nova fase. Eles ajudarão a derrubar os “barões do poder” para reerguer renovadas lideranças sob os mesmos princípios.

O que mais favorece a essa conclusão é o silêncio culpado da imensa maioria dos conservadores sobre o crescimento avassalador de processos bem claros e definidos, como a ideologia russa do eurasianismo, sedimentada pelo tradicionalismo perenialista que impulsiona castas intelectualizadas para nada menos que o islamismo, inimigo final do Cristianismo.

Neste sentido, fazem eco a esse processo os ingênuos que ainda creem em “poder do povo”, enquanto a história política e geopolítica vai sendo conduzida por homens alinhados e comprometidos com grandes agendas que anseiam por uma renovação, uma continuidade aparentemente renovadora da Revolução. Mas tal é a natureza deste recuo estratégico, a Revolução ressurgirá mais poderosa, porque estará encastelada

definitivamente nas almas dos que apostam exclusivamente nas soluções humanas.

COLUNA

NOTAS SOBRE SÃO FRANCISCO DE SALES E UM IMPORTANTE REMÉDIO

Walter Arruda

Há anos li uma mensagem de um catequista de Cantagalo, no Rio de Janeiro, na qual ele dizia que deveríamos ser amigos dos padres. A amizade com um padre traz inúmeros benefícios às nossas vidas. Tempos depois, vi um padre ensinar que devemos ser amigos dos santos. O padre dizia que o seu santo de devoção, desde o final da infância, era São Francisco de Sales, principalmente por operar suas lições valiosas por meio de comparações poderosas, marcadas por seu estilo claro, simples, direto e amável. O padre completou dizendo que, diante dos absurdos da vida, recorria sempre a seus livros como se fossem verdadeiros amigos.

Eis uma das muitas lições claras e marcantes sobre a obra de São Francisco de Sales. Seu espírito compreensivo faz dele um amigo muito atento às necessidades e contingências dos seus filhos e leitores ao redor do mundo.

O relato do padre me fez recordar do primeiro contato com algumas linhas do Doutor da Igreja e santo dos escritores e jornalistas. A comparação que abalou minhas leituras mundanas, modernas e pré-universitárias há bons anos foi justamente a comparação que São Francisco de Sales faz entre a alma humana e um pedaço de ferro. E a ação divina a um ímã. Do modo que o ímã atrai o ferro, a graça de Deus atrai a alma, contanto que não haja a presença de impurezas que obstruam a atração. Através do acesso a esta imagem específica, pude meditar sobre a ação corrosiva e perniciosa da obstinação no pecado e da danação concernente à

impiedade durante muitos anos, e pude atravessar várias tempestades atento a esta imagem.

Na comparação, o santo nos explica como o amor de Deus é manifesto e como a alma reage a esse amor. Em seguida, a Virgem Santíssima é apresentada como exemplo de união perfeita com Deus. Tal qual o ímã e o ferro.

Em Nossa Senhora não havia o que obstruísse a ação direta do amor divino, e por isso a sua união com o seu Divino filho é uma união incomparável. A perfeição da união entre a Bem-aventurada Maria Santíssima e O Criador é modelo e inspiração para a mesma união entre os filhos da Santa Igreja e O Crucificado. Percebi, desde então, como Nossa Senhora precisa ser venerada em nossas vidas, sobretudo a partir dessa marcante comparação. Que suas bênçãos sejam derramadas sobre o Regina Milites.

* * *

Anos depois, outro trecho escrito por São Francisco de Sales caiu em minhas mãos, no meio das tormentas da juventude, e imediatamente o santo, que não se apresenta como um autor difícil e distante, me fez entender que seus livros de fato são amigos dispostos a nos orientar nas mais diversas ocasiões. Espero que todos experimentem como a clareza das suas palavras se nos apresentam aos olhos e à alma como só a ação da Divina Graça poderia explicar.

Vocês facilmente experimentarão proximidade, ou familiaridade, com São Francisco de Sales. Seus ensinamentos vão se tornando cada vez mais acessíveis com o passar dos anos, e sempre que o revisitarem, conseguirão olhar ao redor e interagir com o mundo com o incentivo de irem se

perfazendo, como quer São Francisco, na direção da semelhança ao Cristo.

O trecho ao qual me refiro está no livro Pensamentos Consoladores de São Francisco de Sales. Calhamaço que durante muito tempo fiz de “minutos de sabedoria” entre os altos e baixos, abrindo suas páginas a contemplar a sacralidade, a santíssima hierarquia.

O primeiro texto que acessei com ênfase de leitura profunda, em respostas urgentes no combate a severos defeitos e desordens de humor, está transcrito integralmente logo abaixo.

Os remédios ou consolações contidas nesse livro extraordinário nos ensinam, sobretudo, a não nos apegarmos às consolações, mas a amarmos o Deus Consolador e seu Logos, divino Redentor

encarnado e ressuscitado para a Glória da Santa Igreja Católica.

Neste mês de janeiro em que se celebra a memória do Bispo-Príncipe de Genebra, que sua obra e santidade nos inspire a todos no combate pela conversão dos protestantes, para a derrota dos inimigos da Santa Igreja, como a fera maçônica infiltrada e seu hálito de igualitarismo secularista, o veneno do perenialismo gnóstico, o sufismo esotérico crescente, e os demais erros impulsionados pela Rússia também neste século. Que São Francisco de Sales nos inspire a trazermos nossas pequenas cruzes aos pés da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo por sua Eterna Glória.

Remédio contra o grande temor da morte²

Todo o que tiver um verdadeiro desejo de servir a Deus e de evitar o pecado não se deve por forma alguma aterrar com a ideia de morte e dos juízos divinos; porque embora se devam temer ambos, contudo o temor não deve ser terrível e aterrador por forma que abata e deprima o vigor e força de espírito; mas deve ser um temor por tal forma unido à confiança na bondade de Deus, que por este meio se torne doce.

Eis aqui os remédios eficazes para diminuir o grande temor da morte. O primeiro é a

² HUGUET, P. Pensamentos Consoladores de São Francisco de Sales Extraídos Dos Seus Escritos. Edições Salesianas, 1946. p. 269-276

Compilação de reflexões consoladoras do santo, organizada pelo padre Huguet. São Francisco de Sales era renomado por sua habilidade em guiar as almas à perfeição espiritual. O livro captura a essência de seus escritos mais doces e reconfortantes, especialmente nas cartas que ele escreveu. Publicado originalmente em 1946, o livro contém 372 páginas e é um recurso valioso para aqueles que necessitam dos remédios do Corpo, Sangue e Alma de Cristo.

perseverança no serviço de Deus. Afianço-vos que se se perseverardes no exercício de devoção, como vejo que praticais, encontrareis um grande alívio para o vosso tormento; porque a vossa ala, estando assim isenta dos afetos maus e unindo se cada vez mais a Deus, se desligará desta vida mortal e dos gostos vãos que a ela se unem.

Continuai pois na vida devota como começastes e andai sempre cada vez melhor no caminho aonde estais e vereis que em breve tempo esses terrores se enfraquecerão, sem vos inquietarem mais.

Reflico muitas vezes que sois filhos da Igreja Católica e alegrais-vos como isso, porque os filhos desta Mãe, que desejam viver segundo as suas leis morrem sempre felizes, e como diz Santa Tereza, é uma grande consolação à hora da morte ser filha da Santa Igreja.

Terminai todas as vossas orações com confiança, como dizendo:

<<Senhos, vós sois a minha esperança; eu depusitei em vós minha confiança. Ó! Deus, quem espera em vós foi algumas vezes enganado? Espero em vós ó! Senhor; não serei confundido eternamente. Nas vossas orações jaculatórias, e na recepção do Santíssimo Sacramento, usai destas palavras de amor e esperança para com Nosso Senhor!

<<Vós sois meu Pai, oh Senhor! Oh Deus! vós sois o esposo da minha alma, sois o rei do meu amor e o amado da minha alma. Ó! Doce Jesus, sois o meu querido Mestre, socorro e refúgio.>>

Não leiais os livros ou as passagens dos livros em que se fala da morte, do juízo e do inferno; porque graças a Deus, resolvestes viver cristãmente, e nenhuma necessidade tendes de serdes a isso

impelido por motivos de temor ou espanto. O segundo remédio é a lembrança frequente da grande doçura e misericórdia com que Deus nosso Salvador recebe as almas à sua morte, quando nEle confiaram durante a vida e se exercitaram em o servir e amar cada uma segundo a sua vocação.

O terceiro é o amor do Paraíso e da glória celestial; porque à medida que estimamos e amamos a felicidade eterna temos menos temor em deixar a vida mortal.

O quarto é uma certa privança e familiaridade com os bem-aventurados! Invocando-os e dirigindo-lhes muitas vezes palavras de louvor e amor. Porque tendo um comércio familiar com os cidadãos da Jerusalém Celeste, inquietar-nos-á menos deixarmos os da terrestre.

Tais considerações, bem meditadas, durante algum tempo, enfraquecem o excesso dos terrores dos juízos divinos e fazem-nos esperar que sendo filhos de um Pai tão rico em bondade e para nos amar e salvar, tão sábio para conhecer os meios a isso conducentes, tão prudente, para os ordenar, tão poderoso para os executar, não nos quererá condenar se fizermos o que pudermos em seu serviço.

Adorai muitas vezes, louvai e bendizei a santa morte de Nosso Senhor crucificado e ponde toda a vossa confiança em seus méritos, pelos quais a vossa morte se tornará ditosa, e dizei muitas vezes: "Ó divina morte do meu doce Jesus, vós abençoareis a minha e ela será bendita; eu vos bendigo e vós me abençoais, ó morte mais amável do que a vida! Assim. S. Carlos, na doença de que morreu, fez colocar diante de si um quadro no jardim das

Oliveiras, para se consolar sobre a morte e sepultura do Salvador.”

Depois da morte de Jesus Cristo ninguém devia deixar de amar a morte, e não se deviam lembrar dos juízos de Deus, sem se lembrarem da cruz do Salvador para que, depois, de se exercitarem ao temor pela lembrança dos seus pecados, readquiram a paz pela confiança do Redentor, junta com uma grande humildade.

Elevai com confiança o vosso coração para Jesus, como uma confiança ainda a uma santa humildade, dizendo-lhe: Eu sou miserável, Senhor, e vós recebereis a minha miséria no seio da vossa misericórdia e conduzi-me-eis com a vossa paternal mão do gozo da vossa herança. Sou vil e desprezível; mas então vós me amareis, porque esperei em vós e desejei ser vosso.

É verdade que a morte é terrível; mas a vida que se lhe segue, e que nos concederá a misericórdia de Deus, será desejável. Convém não perder a esperança; porque embora sejamos pecadores, não o somos tanto quanto Deus é misericordioso para com os que se arrependem, têm vontade de se emendar, e põem a sua esperança em Jesus Cristo. A morte já não é ignominiosa, mas sim gloriosa depois que sofreu o Filho de Deus.

A santíssima Virgem e todos os santos estimavam morrer, a exemplo do Salvador, que consentia de bom grado em ser pregado na cruz; e a morte tornou-se para Jesus Cristo tão suave e desejável, que os anjos reputar-se-iam felizes em a poderem sofrer.

É preciso morrer! Estas palavras são duras, mas são seguidas duma grande doçura; é para possuirmos a Deus por esta morte.

Deveis saber que uma pessoa prudente não põe vinho novo em uma pipa velha; o licor do amor divino não pode entrar onde reina o velho Adão. Convém destruí-lo necessariamente.

Considerai as pessoas que mais amais, e cuja separação vos incomodaria, como as pessoas com quem estareis eternamente no céu; por exemplo vosso marido, vosso filho, ou vosso Pai. Oh! Esta criancinha terá, com a ajuda de Deus, um dia feliz nesta vida, na qual gozará da minha felicidade e se alegrará e eu gozarei da sua e me regozijarei, sem nunca nos separarmos! Isto pode-se dizer do marido, do pai e doutras pessoas.

Caminhemos pois com confiança, debaixo do estandarte da Providência de Deus, sem temermos nem nos perturbarmos; porque se pensarmos na

morte sem inquietação, este pensamento nos trará mais dano do que proveito.

Pensemos nela como paz e tranquilidade de espírito, confiando na Providência de Deus e esperando em Deus sem nos impacientarmos para saber quando morreremos; onde, se será dum acidente ou não, subitamente ou duma moléstia prolongada, se estaremos ou não acompanhados. Não vemos que Deus cuida das aves do céu e que nem uma pena lhe cai sem a sua Providência? Ele sabe o número dos cabelos da nossa cabeça e nenhum cai sem Ele querer. Quero, devemos dizer, pertencer completamente a Deus, não só por dever mas também por afeto, e contanto que cumpra a sua santíssima vontade, que mais devo fazer senão entregar-me aos efeitos duma tão boa Providência, cheio de confiança em que cuidará de mim tanto na vida como na morte?

Santo Agostinho diz que para bem morrer é preciso viver bem, e tal será a nossa morte qual tiver sido a vida. Estas palavras são comuns e triviais, mas contém grande instrução.

Vivei bem, e não temereis a morte, e se a temerdes, será um temor doce e tranquilo, auxiliado com os meios da paixão de Nosso Senhor, sem a qual a morte com certeza seria terrível e espantosa para todos.

Deus nos ajudará, contanto que o invoquemos por que nos deixou tantos meios para morrer bem, e em particular o da contrição, que é tão geral e eficaz para pagar os nossos pecados, e o dos sacramentos pelos quais voltamos à graça e nos lavamos do pecado; porque os sacramentos são como canais pelos quais correm para as nossas almas os méritos da paixão de Nosso Senhor.

Já que Nosso Senhor nos deu tantos meios para nos salvarmos e deseja a nossa salvação mais do que nós mesmos, que nos resta fazer senão nos entregarmos à guia da sua divina Providência, nada pedindo e nada recusando? Oh! Como são felizes os que vivem nesta santa indiferença, e esperando o que Deus deles ordenará, se preparam para morrer bem por uma vida boa.

O leito de uma boa morte deve ter por cobertor o amor de Deus; mas convém ter a cabeça recostada sobre dous travesseiros que são a humildade e a confiança na misericórdia divina.

A obra é elogiada por sua doutrina santa, profunda e vigorosa, apresentada de maneira amável e encantadora. São Francisco de Sales contribuiu significativamente com seus escritos para promover o amor e a prática da piedade. Seus conselhos são simples, claros e acessíveis a todos, sendo vivos e

eficazes, pois vêm de um santo. E assim sendo, busca consolar, esclarecer, renovar e santificar as almas em Cristo.

Catolicismo

O ERRO DO “TERRENO COMUM” E SUAS CONSEQUÊNCIAS

*Sempre condenada pela Igreja, tática
do "terreno comum" deu um "jeito" de
se consagrar até mesmo entre
conservadores*

Regina Milites

Como mostra o estudo da World Values Survey, apenas 8% dos católicos brasileiros obedecem ao preceito dominical. Isso quer dizer que cerca de 92% dos católicos brasileiros vivem em estado de

pecado mortal. Imaginemos o efeito espiritual de um país em que quase a totalidade dos batizados se encontram nesta situação de inimizade com Deus através da violação nominal do seu Primeiro Mandamento. Este fato em si mesmo já nos deveria pôr de joelhos em oração e penitências diárias para reparação de tão grande ofensa. Mas, ao contrário, muitos acreditam que, “no tempo de cada um”, Deus chamará e será benevolente com a tibieza e com a preguiça de tantos. A misericórdia de Deus age na vida de todos por meio das palavras de apostolado que são dirigidas a milhares de pessoas todos os dias. Essas palavras vêm de variadas formas e a reação a elas define o destino eterno de cada um.

Muita gente se pergunta a razão da queda do catolicismo no Brasil, ao que não raramente se culpa o clero e sua apatia na defesa e clareza da doutrina católica. É verdade que muitos erros foram adotados pela hierarquia e pela Igreja como

forma de aproximar as almas, terminando por afastá-las. Em sua maioria, elas decorrem de uma falsa concepção do Concílio Vaticano II, reiterada e fortalecida por um mainstream católico que se tornou hegemônico. Mas se podemos resumir tudo isso como modernismo ou progressismo católico, há também muitos movimentos até ditos conservadores que optam pelas mesmas táticas, ainda que atenuadas, que levaram ao atual estado de coisas.

Alimentar o crocodilo na esperança de ser devorado por último. Eis a imagem mais perfeita desta alternativa. Afinal, tanto a esquerda quanto os infiéis provenientes das mais diversas crenças falsas, das mais aparentemente inofensivas como as mais violentas, não hesitarão em direcionar seu fogo aos católicos tão logo tenham os meios de fazê-lo. Mas para o católico “acolhedor”, o importante parece ser cooperar com o inimigo para esperar dele a

misericórdia. Como se misericórdia fosse uma virtude natural e não um dom dado por Deus, pelo verdadeiro Deus.

Ninguém esteve em terreno mais hostil do que os mártires. E qual foi a resposta deles aos pagãos?

Aceitar, tolerar e até fomentar o erro por acreditar que ele pode ser atenuado por meios outros, seja linguísticos, estéticos ou intelectuais, constitui grande presunção. É claro que tal presunção pode ser punida na eternidade, mas também obtém como fruto um castigo de Deus neste mundo: a ineficácia e a insuficiência que termina por conduzir mais almas ao erro.

Uma delas, talvez a mais importante, diz respeito à chamada “tática do terreno comum”, que visa

atenuar verdades de fé dogmática ou exclusivas da Igreja Católica. Certo dia, buscando informação num importante site católico conservador sobre determinada virtude, encontrei um texto bastante elucidativo, mas que terminava não mencionando o mais importante na busca pelas virtudes: a ação da Graça Santificante. Se nenhuma alma pode por si mesmo alcançar virtude alguma, e nem pode praticar ato bom sozinho, sem o auxílio espiritual, por que razão se omitiria este fato tão comprovado pela doutrina e nas palavras de tantos santos? A razão é que para obter o auxílio da graça é preciso frequência nos Sacramentos, exclusivamente oferecidos pela Santa Igreja, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Disto conclui-se que a referida postagem buscava uma abordagem ampla e indiferentista para que protestantes, espíritas e membros de outras seitas, pudessem obter ali alguma informação de cunho naturalista.

Em seu livro *Em defesa da Ação Católica*, de 1943, Plínio Corrêa de Oliveira criticou a “tática do terreno comum”, que consiste em evitar temas que possam causar desavenças entre católicos e não católicos, enfatizando apenas os pontos de concordância. Ele argumentou que essa abordagem pode levar à diluição dos princípios católicos e à perda da identidade religiosa.

Em seu livro, ele afirmou referindo-se a uma tática já em uso na Ação Católica:

“Daí decorre toda uma tática que, uma vez adotada oficialmente na A. C., seria a canonização da prudência carnal e do respeito humano. O primeiro princípio da sabedoria consistiria em evitar sistematicamente qualquer coisa que, legitimamente ou não, pudesse causar a menor diversidade de opinião. Colocado em um ambiente acatólico, deveria o membro da A. C. salientar apenas, e

sobretudo no começo, os pontos de contato entre ele e as demais pessoas presentes, calando cautelosamente as divergências. Em outros termos, o início de qualquer manobra de apostolado consistiria em criar largas zonas de “compreensão recíproca”, entre católicos e não católicos, situando-se ambos em terreno comum, neutro e simpático, por mais vago e largo que este terreno fosse”.

Ele alertou que essa tática pode levar à ocultação de verdades fundamentais da fé católica, resultando em uma forma de proselitismo que não representa autenticamente os ensinamentos da Igreja. E não foi exatamente este o efeito após tantos anos? Os conservadores, zelosos de avanços políticos e ocupação de espaços, não estariam cometendo o mesmo perigoso erro ao concorrer para o apoio “estratégico” dos evangélicos? Parece que o benefício político se tornou maior que o espiritual. Mas será possível algum benefício político sem o

auxílio da graça, que se obtém, além dos sacramentos, com a cooperação com as graças suficientes que sopra-nos o Espírito Santo para que não pensemos em benefícios terrenos?

Foi esta tática que levou, por exemplo, ao aproveitamento que a esquerda obteve da caridade como instrumento de propaganda, já que ela havia sido desligada do seu valor espiritual e reduzida ao material. O mesmo ocorre com as virtudes, que sem a graça, resultam reduzidas e humanizadas, sendo facilmente aparentadas pelos não cristãos, progressistas e inimigos da Igreja para seduzir e igualar tais virtudes com a inigualável virtude dos santos. A fé se tornou uma mera opinião benevolente, humanamente simpática.

Também se assemelha a este expediente a busca por “cristianizar” literaturas e obras de arte mundanas, ressaltando sua virtude humana ou o seu suposto

humanismo. Este era precisamente o projeto dos humanistas da Renascença, que embriagados pelo fetiche estético e sensualista do paganismo grego e romano, traduziram toda a beleza e verdade numa mera humanidade. Este foi o fruto do nominalismo, que deu ao mundo o liberalismo.

Os meios seculares, progressistas e heréticos possuem, em nossos dias, infinitamente mais meios para redirecionar e aproveitar tudo o que é dito ou feito pelos católicos, razão pela qual somente a ação mais enérgica e íntegra de colaboração com a graça poderá obter efeitos reais e bons. Se é difícil sabermos como proceder num ambiente hostil, façamos como milhares de mártires ou como São Francisco de Assis quando foi visitar o sultão: admoestar e recomendar a conversão imediata. Se o preço é a vida, isso significa uma graça muito maior! Se temos responsabilidade com uma posição privilegiada na sociedade, com a qual poderíamos

converter pessoas, manda a humildade que a coloquemos totalmente a serviço de Deus, sendo um privilégio e uma graça perdermos tudo pelo nome de Cristo. É difícil demais? Bem-vindo ao catolicismo de sempre!

Falar do inferno, por exemplo, como recorda o autor, passou a ser proibido nos redutos da Ação Católica já no início do século passado. No entanto, sucessivas vezes o Magistério alertou que o medo do inferno era, sim, uma forma legítima de sensibilidade do fiel, razão pela qual é necessário sempre recordar, como o fizeram diversos santos. No entanto, a filosofia personalista começou a fazer um verdadeiro “terrorismo” contra o medo do inferno, como se fosse causado por neuroses e males psicológicos diagnosticáveis, jogando tudo no campo científico e técnico.

É importantíssimo notar que o Sagrado Concílio Tridentino ensina (c. 818) que:

“Se alguém disser que o medo da gehena, pelo qual choramos os pecados e nos refugiamos na misericórdia de Deus e ao mesmo tempo nos abtemos do pecado, constitue um pecado, ou torna piores os pecadores: anathema sit”

Plinio Corrêa queixa-se de que o apostolado, a partir daquela origem da militância civil que propunha-se a Ação Católica, parecia exclusivamente optar pelo “recoo estratégico”, condenando todas as outras formas, tradicionalmente eficazes, de se fazer apostolado ou de se relacionar com o mundo.

Hoje sustenta-se uma questionável primazia da conversão dos não católicos como se este fosse o principal objetivo do fiel na prática do apostolado.

Além de uma grande presunção, tal objetivo quando procurado em primeiro lugar apenas resulta no seu oposto, promovendo mais a apostasia dos católicos do que a conversão dos pecadores e infiéis.

Afinal, recomendava o doutor Plínio também em seu livro o que para o católico de hoje pode parecer chocante:

“Não hesitamos em afirmar que, acima de tudo, se deve desejar a santificação e perseverança dos que são bons; em segundo lugar, a santificação dos católicos afastados da prática da Religião; finalmente, e em último lugar, da conversão dos que não são católicos”.

“Isto manda a caridade”, dizia, recordando o que escritores e Papas recomendavam quanto à Comunhão dos Santos, que é a busca radical da santidade para o sustento da própria Igreja.

“A simples análise do dogma da Comunhão dos Santos já nos oferece para tal, um argumento precioso. Há uma solidariedade sobrenatural no destino das almas de forma que os méritos de umas revertem em graças para outras, e, reciprocamente, a alma que deixa de merecer, depaupera todo o tesouro da Igreja. Ouçamos a este respeito a admirável lição de um mestre. O R. P. Maurice de la Taille, no seu conhecido tratado sôbre o Santíssimo Sacrifício e Sacramento da Eucaristia, à pág. 330-1 observa que “a devoção habitual da Igreja jamais desaparece, pois que Ela jamais perderá o Espírito de Santidade que recebeu; pode não obstante esta devoção, na variedade dos tempos, ser maior ou menor”. E aplicando este princípio ao Sacrossanto Sacrifício da Missa, acrescenta: “Quanto maior for ela, mais aceitável será sua oblação. Eis, pois, que é de suma importância existirem na Igreja muitos santos e muito santos; nem nunca jamais se deve poupar ou

impedir que os varões religiosos e mulheres envidem esforços para que cada dia cresça o valor das Missas e se torne mais potente aos ouvidos de Deus a voz indefectível do Sangue de Cristo que clama da Terra. Pois que nos altares da Igreja clama o Sangue de Cristo, mas pelos nossos lábios e coração: tanto quanto se lhe abrir o vigor de vociferar” (apud Filograssi, Adnotationes in SS. Eucharistiam, pg. 1115-6)”.

O APRENDIZADO SEGUNDO HUGO DE SÃO VITOR

OPÚSCULO SOBRE O MODO DE APRENDER E DE MEDITAR

A humildade é necessária ao que deseja aprender.

A humildade é o princípio do aprendizado, e sobre ela, muita coisa tendo sido escrita, as três seguintes, de modo principal, dizem respeito ao estudante.

A primeira é que não tenha como vil nenhuma ciência e nenhuma escritura.

A segunda é que não se envergonhe de aprender de ninguém.

A terceira é que, quando tiver alcançado a ciência, não despreze aos demais.

Muitos se enganaram por quererem parecer sábios antes do tempo, pois com isto envergonharam-se de aprender dos demais o que ignoravam. Tu, porém meu filho, aprende de todos de boa vontade aquilo que desconheces. Serás mais sábio do que todos, se quiseres aprender de todos. Nenhuma ciência, portanto, tenhas como vil, porque toda ciência é boa. Nenhuma Escritura, ou pelo menos, nenhuma Lei desprezes, se estiver à disposição. Se nada lucrases, também nada terás perdido. Diz, de fato, o Apóstolo:

"Omnia legentes, quae bona sunt tenentes".

I Tess. 5

O bom estudante deve ser humilde e manso, inteiramente alheio aos cuidados do mundo e às tentações dos prazeres, e solícito em aprender de boa vontade de todos. Nunca presuma de sua ciência; não queira parecer douto, mas sê-lo; busque os ditos dos sábios, e procure ardentemente ter sempre os seus vultos diante dos olhos da mente, como um espelho.

Três coisas necessárias ao estudante.

Três coisas são necessárias ao estudante: a natureza, o exercício e a disciplina.

Na natureza, que facilmente perceba o que foi ouvido e firmemente retenha o percebido.

No exercício, que cultive o senso natural pelo trabalho e diligência.

Na disciplina, que vivendo louvavelmente, componha os costumes com a ciência.

Prime pelo engenho e pela memória.

Os que se dedicam ao estudo devem primar simultâneamente pelo engenho e pela memória, ambos os quais em todo estudo estão de tal modo unidos entre si que, faltando um, o outro não poderá conduzir ninguém à perfeição, assim como de nada aproveitam os lucros onde faltam os vigilantes, e em vão se fortificam os tesouros quando não se tem o que neles guardar.

O engenho é um certo vigor naturalmente existente na alma, importante em si mesmo.

A memória é a firmíssima percepção das coisas, das palavras, das sentenças e dos significados por parte da alma ou da mente.

O que o engenho encontra, a memória custodia.

O engenho provém da natureza, é auxiliado pelo uso, é embotado pelo trabalho imoderado e aguçado pelo exercício moderado.

A memória é principalmente ajudada e fortificada pelo exercício de reter e de meditar assiduamente.

A leitura e a meditação.

Duas coisas há que exercitam o engenho: a leitura e a meditação.

Na leitura, mediante regras e preceitos, somos instruídos pelas coisas que estão escritas. A leitura é

também uma investigação do sentido por uma alma disciplinada.

Há três gêneros de leitura: a do docente, a do discípulo e a do que examina por si mesmo. Dizemos, de fato: "Leio o livro para o discípulo", "leio o livro pelo mestre", ou simplesmente "leio o livro".

A meditação.

A meditação é uma cogitação frequente com conselho, que investiga prudentemente a causa e a origem, o modo e a utilidade de cada coisa.

A meditação toma o seu princípio da leitura, todavia não se realiza por nenhuma das regras ou dos preceitos da leitura. Na meditação, de fato, nos deleitamos discorrendo como que por um espaço

aberto, no qual dirigimos a vista para a verdade a ser contemplada, admirando ora esta, ora aquelas causas das coisas, ora também penetrando no que nelas há de profundo, nada deixando de duvidoso ou de obscuro.

O princípio da doutrina, portanto, está na leitura; a sua consumação, na meditação.

Quem aprender a amá-la com familiaridade e a ela se dedicar frequentemente tornará a vida imensamente agradável e terá na tribulação a maior das consolações. A meditação é o que mais do que todas as coisas segrega a alma do estrépito dos atos terrenos; pela doçura de sua tranquilidade já nesta vida nos oferece de algum modo um gosto antecipado da eterna; fazendo-nos buscar e entender, pelas coisas que foram feitas, àquele que as fez, ensina a alma pela ciência e a aprofunda na

alegria, fazendo com que nela encontre o maior dos deleites.

Três gêneros de meditação.

Três são os gêneros de meditação. O primeiro consiste no exame dos costumes, o segundo na indagação dos mandamentos, o terceiro na investigação das obras divinas.

Nos costumes a meditação examina os vícios e as virtudes. Nos mandamentos divinos, os que preceituam, os que prometem, os que ameaçam.

Nas obras de Deus, as em que Ele cria pela potência, as em que modera pela sabedoria, as em que coopera pela graça, as quais todas tanto mais alguém conhecerá o quanto sejam dignas de admiração quanto mais atentamente tiver se habituado em meditar as maravilhas de Deus.

Do confiar à memória aquilo que aprendemos.

A memória custodia, recolhendo-as, as coisas que o engenho investiga e encontra.

Importa que as coisas que dividimos ao aprender as recolhamos confiando-as à memória: recolher é reduzir a uma certa breve e suscinta suma as coisas das quais mais extensamente se escreveu ou se disputou, o que foi chamado pelos antigos de epílogo, isto é, uma breve recapitulação do que foi dito.

A memória do homem se regozija na brevidade, e se se divide em muitas coisas, torna-se menor em cada uma delas.

Devemos, portanto, em todo estudo ou doutrina recolher algo certo e breve, que guardemos na arca da memória, de onde posteriormente, sendo necessário, as possamos retirar. Será também necessário revolvê-las frequentemente chamando-as, para que não envelheçam pela longa interrupção, do ventre da memória ao paladar.

As três visões da alma racional. Diferença entre meditação e contemplação.

Três são as visões da alma racional: o pensamento, a meditação e a contemplação.

O pensamento ocorre quando a mente é tocada transitoriamente pela noção das coisas, quando a própria coisa se apresenta subitamente à alma pela sua imagem, seja entrando pelo sentido, seja surgindo da memória.

A meditação é um assíduo e sagaz reconduzir do pensamento em que nos esforçamos por explicar algo obscuro ou procuramos penetrar no que é oculto.

A contemplação é uma visão livre e perspicaz da alma de coisas amplamente esparsas.

Entre a meditação e a contemplação o que parece ser relevante é que a meditação é sempre das coisas ocultas à nossa inteligência; a contemplação, porém é de coisas que segundo a sua natureza ou segundo a nossa capacidade são manifestas; e que a meditação sempre se ocupa em buscar alguma coisa única, enquanto que a contemplação se estende à compreensão de muitas ou também de todas as coisas.

A meditação é, portanto, um certo vagar curioso da mente, um investigar sagaz do obscuro, um desatar

do que é intrincado. A contemplação é aquela vivacidade da inteligência que, possuindo todas as coisas, as abarca em uma visão plenamente manifesta, e isto de tal maneira que aquilo que a meditação busca, a contemplação possui.

Dois gêneros de contemplação.

Há, porém, dois gêneros de contemplação. Um deles, que é o primeiro e que pertence aos principiantes, consiste na consideração das criaturas. O outro, que é o último e que pertence aos perfeitos, consiste na contemplação do Criador.

No livro dos Provérbios, Salomão principiou como que meditando; no Eclesiastes elevou-se ao primeiro grau da contemplação; finalmente, no Cântico dos Cânticos transportou-se ao supremo.

Para que, portanto, possamos distinguir estas três

coisas pelos seus próprios nomes, diremos que a primeira é meditação; a segunda, especulação; a terceira, contemplação.

Na meditação a perturbação das paixões carnis, surgindo importunamente, obscurece a mente inflamada por uma piedosa devoção; na especulação a novidade da insólita visão a levanta à admiração; na contemplação o gosto de uma extraordinária doçura a transforma toda em alegria e contentamento.

Portanto, na meditação temos solitudine; na especulação, admiração; na contemplação, doçura.

Três partes da exposição.

A exposição contém três partes: a letra, o sentido e a sentença. A letra é a correta ordenação das palavras, a qual também chamamos de construção.

O sentido é um delineamento simples e adequado que a letra tem diante de si como um primeiro semblante. A sentença é uma mais profunda inteligência, a qual não pode ser encontrada senão pela exposição ou interpretação. Para que uma exposição se torne perfeita quererem-se, nesta ordem, primeiro a letra, depois o sentido e posteriormente a sentença.

Os três gêneros de vaidades.

Três são os gêneros de vaidades. O primeiro é a vaidade da mutabilidade, que está em todas as coisas caducas por sua condição. O segundo é a vaidade da curiosidade ou da cobiça, que está na mente dos homens pelo amor desordenado das coisas transitórias e vãs. O terceiro é a vaidade da mortalidade, que está nos corpos humanos pela penalidade.

As obrigações da eloquência.

Disse Agostinho, famoso por sua eloquência, e o disse com verdade, que o homem eloqüente deve aprender a falar de tal modo que ensine, que deleite e que submeta. A isto acrescentou que o ensinar pertence à necessidade, o deleitar à suavidade e o submeter à vitória.

Destas três coisas, a que foi colocada em primeiro lugar, isto é, a necessidade de ensinar, é constituída pelas coisas que dizemos, as outras duas pelo modo como as dizemos.

Quem, portanto, se esforça no falar em persuadir o que é bom, não despreze nenhuma destas coisas: ensine, deleite e submeta, orando e agindo para que seja ouvido inteligentemente, de boa vontade, e obedientemente. Se assim o fizer, ainda que o assentimento do ouvinte não siga, se o fizer

apropriada e convenientemente, não sem mérito poderá ser dito eloqüente.

O mesmo Agostinho parece ter querido que ao ensino, ao deleite e à submissão também pertençam outras três coisas, ao dizer, de modo semelhante:

*“Será eloqüente aquele que puder dizer
o pequeno com humildade,
o moderado com moderação,
o grande com elevação”.*

Quem deseja conhecer e ensinar aprenda, portanto, quanto há para se ensinar e adquira a faculdade de dizê-las como convém a um homem de Igreja. Quem, na verdade, querendo ensinar, às vezes não é entendido, não julgue ainda ter dito o que deseja àquele a quem quer ensinar, porque, mesmo que tenha dito o que ele próprio entendeu, ainda não

foi considerado como tendo-o dito àquele por quem não foi entendido. Se, porém, foi entendido, de qualquer modo que o tenha dito, o disse.

Deve, portanto, o doutor das divinas Escrituras ser defensor da reta fé, debelador do erro, e ensinar o bem; e neste trabalho de pregação conciliar os adversos, levantar os indolentes, declarar aos ignorantes o que devem agir e o que devem esperar. Onde tiver encontrado, ou ele próprio os tiver feito, homens benévolos, atentos e dóceis, há de completar o restante conforme a causa exija. Se os que ouvem devem ser ensinados, seja-o feito por meio de narração; se, todavia, necessitar que aquilo de que se trata seja claramente conhecido, para que as coisas que são duvidosas se tornem certas, raciocine através dos documentos utilizados.

Hugo de São Vitor
(1096-1141)



Regina Militis